

Editorial

Neste ano de 2013, completaram-se 130 anos da morte de Karl Marx. A morte física, inevitável, paralisou uma das mentes humanas mais desconcertantes de que se teve notícia: obviamente genial, obviamente genioso, amoroso e furioso. Com uma personalidade marcante e contraditória, Marx não teve, em vida, um átimo do reconhecimento que viria a ter morto. No dia exato em que baixou à sepultura, não era totalmente implausível que sua genial obra ocupasse um papel secundário no patrimônio cultural do futuro. Não era certo que mudaria a história, mas o fato é que mudou. Por essa razão, todos aqueles que têm um sincero interesse no conhecimento, na história e, principalmente, na emancipação humana, devem prestar tributo a Marx, ainda que estejamos tão distantes do dia em que sua vida cessou.

Durante o *Marx e Marxismo 2013 – Colóquio Internacional – Marx hoje, 130 anos depois*, o Niep Marx lança uma nova publicação periódica que pretende se somar a todos os que trabalham para a sustentação e a ampliação do materialismo histórico frente à barbárie capitalista. ***Marx e o Marxismo*** é uma publicação marxista, aberta a todos os campos do conhecimento social. Somos um grupo interdisciplinar e defendemos que o rigor teórico e analítico envolve o debate franco entre pesquisadores. Entendemos que a tradição materialista crítica do marxismo, com seu teor ontologicamente subversivo e revolucionário, sempre esteve aberta à polêmica e ao debate, ao mesmo tempo em que exige a crítica radical ao capital.

Temos estreito compromisso com a historicidade e sua compreensão como um processo contraditório não linear, e sim conflitivo e complexo. Dentre as contradições que movem a transformação histórica, a principal é a oposição de interesses entre os grandes grupos de homens —as classes sociais— originada quando grupos minoritários se apropriam do excedente do trabalho produzido pela maioria, algo que ocorre pelo menos desde o surgimento da propriedade privada e do Estado. Por isso, nessa concepção, “toda a história da humanidade tem sido a *história da luta de classes*”, como afirmam Marx e Engels no *Manifesto Comunista*.

Além daquela ocorrida em 14 de março de 1883, outras tantas vezes foram decretadas as mortes de Marx, desde o século XIX. As teses de que o marxismo

teria perdido a sua capacidade de explicar a realidade com o desenvolvimento das sociedades capitalistas e as de que se sobreporiam ao túmulo de Marx o *trabalho*, o *proletariado*, as *classes*, os *antagonismos* e a *revoluo* são permanentemente abaladas quando um feixe de luz muda o tom da luta de classes. E os dias atuais têm adquirido as nuances das sublevaes da classe explorada em todos os cantos do mundo, desde as mobilizaes de trabalhadores e de jovens desempregados nos países europeus, considerados os polos mais dinâmicos do capitalismo, àquelas dos submetidos aos regimes totalitários na África e na Ásia, até às dos países da América Latina, como  o caso do Brasil.

Nos meses de gestao de seu primeiro número, a Revista, sem dvida, foi marcada pelos protestos de massa que atravessaram o Brasil, muito além das grandes regiões metropolitanas. *Não  apenas por 20 centavos!* Esta palavra de ordem repetida por milhares, em depoimentos e cartazes, em resposta às críticas dos sicofantas da burguesia, não tratava apenas da reivindicao por melhorias no transporte, mas dizia respeito  crítica aos ultrajantes serviços públicos prestados pelo Estado, como saúde e educao. Nada foi deixado de ser questionado: do poder da mdia ao aparato repressivo policial militar; do governo  sexualidade conservadora, do poder legislativo  moral da mercadoria.

Os trabalhadores da educao pública de todo o Estado do Rio de Janeiro e de vários municípios, inclusive os da capital, estão em greve, desde o início do segundo semestre letivo, contra as formas de subsuno da educao  lógica empresarial e por melhores condies de trabalho. Mas os governos de Sérgio Cabral e de Eduardo Paes em total desprezo às exigências das ruas, continuam recorrendo  truculência policial contra esses trabalhadores, como na ocasião da brutal desocupao da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar, na noite de 28 de setembro.

Quais serão as sementes do tempo que germinarão? Ainda  cedo para sabermos. *Como flores que voltam suas corolas para o sol, que está a se levantar no céu da história*, como nos disse Walter Benjamin, a luta de classes segue viva, pulsando.

Não por acaso, nas seções que compõem a Revista *Artigos, Notas Críticas e Luta e Memória*, a temática que, de alguma forma, permeou boa parte das reflexões aqui registradas  a questão do sujeito, seja na História, seja especificamente na obra de Marx.

Com efeito, esta  a temática explicitamente trabalhada por Marcelo Badaró Mattos, em *Marx, o marxismo e o sujeito histórico*, e por André Augusto, no *Sujeito histórico em 'O Capital'*. Mattos trata da dupla dimensão da concepo de sujeito histórico expressa por Karl Marx. Na parte inicial, o sujeito  discutido no sentido mais totalizante da concepo marxiana de história, enquanto no segundo momento do artigo busca-se tratar da perspectiva de Marx em relao ao

papel do proletariado na revolução socialista. Na verdade, o que o autor pretende é retomar a unidade entre essas duas discussões. Augusto, por sua vez, apresenta a questão do sujeito histórico, especificamente, na obra magna de Marx. Após uma breve apresentação da natureza da determinação de sujeito, indica-se que em *O Capital* a classe trabalhadora está sob a dupla determinação de sujeito que se objetiva e sujeito autoalienado. Essa dupla determinação coloca a classe trabalhadora como sujeito revolucionário em um processo de *vir a ser* na sua luta contra o capital.

No contexto brasileiro, no qual está instalada a chamada “Comissão Nacional da Verdade”, além de algumas congêneres estaduais, o texto *Revisão e re-revisionismo historiográfico*, de Demian Bezerra de Melo, sem dúvida, presta uma relevante contribuição a este necessário debate. Com efeito, o propósito do artigo é discutir o significado que a “operação revisionista” tem adquirido em alguns debates do campo da História Contemporânea.

Partindo da realidade argentina do presente, marcada pela brutalidade de seu último período ditatorial, o ensaio de Néstor Kohan, intitulado *Fetichismo, racionalidad y crítica*, discute as noções de “normal” e “racionalidade”, sob o modo de produção capitalista. Para tal, dialoga com autores como Marx, Freud, Gramsci e Kosik. Após longo e complexo excuro, o autor conclui que a racionalidade da parte pressupõe a irracionalidade do conjunto social.

Leandro Marshall, em *O Conhecimento na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, desenvolve um ensaio aforístico no qual procura contribuir para o debate sobre a emergência de uma cultura essencialmente imaterial no mundo contemporâneo, como consequência direta da Revolução Tecnológica, do advento da chamada Sociedade da Informação e da Comunicação e do processo de hegemonia do Capitalismo Tardio. Apoiado na clássica tese marxiana, defende a ideia que as condições materiais de existência determinam os fenômenos imateriais da cultura, num sistema operacional que organiza o processo de toda construção social da realidade.

Encerrando a seção *Artigos*, oferecemos ao leitor o texto de Eleutério Prado, intitulado *Da posição e da deposição histórica do valor-trabalho*. O artigo trata de uma questão fundamental para o pensamento marxiano e marxista: o estatuto teórico da categoria valor. O autor expõe, com clareza meridiana, como Marx captura a constituição teórica e histórica da categoria valor e o lugar que ela ocupa na forma específica de sociabilidade capitalista. Portanto, se ocupa com a formação e a possível desformação dessa categoria especificamente burguesa.

Na seção *Notas Críticas*, em seu primeiro número, **Marx e o Marxismo** traz ao leitor três notas bastante oportunas. A primeira, de autoria de Maurício Vieira Martins, põe em discussão a nova edição da mundialmente conhecida como

MEGA 2, ou seja, a obra completa de Marx e Engels, ainda em processo de elaboração. Em *Sobre a nova edição da obra de Marx e Engels*, Martins nos pergunta: *só a filologia salva?*

A luta de classes está em todos os lugares, embora não sob a mesma forma. Há também várias linguagens para abordá-la. Na nota *O som ao redor e o lugar de sua ausência*, Isabel Mansur Figueiredo nos convida a olhar atentamente para o filme de Kleber Mendonça Filho e a ouvir o som ensurdecedor do silêncio.

Ainda no calor dos acontecimentos do inverno passado, Marco M. Pestana, em *As jornadas de junho, julho e agosto: questionamentos da ordem e necessidade de avanços organizativos*, nos apresenta uma análise sobre o caráter político das recentes jornadas e conclui que os sujeitos sociais envolvidos devem ser capazes de superar a sua dimensão catártica, elaborar táticas de atuação e construir plataformas concretas.

Em sua estreia, a seção *Luta e Memória* resgata documentos tão diversos quanto ricos. Renake David das Neves selecionou, traduziu e apresentou o texto *Primeiro acampamento de formação em gênero*. Trata-se das primeiras páginas de um documento redigido, no âmbito dos movimentos conhecidos como *piqueteiros*, pelo Espaço de Mulheres da Frente Popular Darío Santillán (FPDS). Um documento que, sem dúvida, nos aponta para a relevante questão de gênero na sociedade de classes.

Encerrando o primeiro número de *Marx e o Marxismo*, João Leonardo Medeiros selecionou, junto com Marcelo Badaró Mattos, e traduziu, além de apresentar, duas cartas de grande interesse, ambas destinadas à mesma pessoa: Friedrich Adolph Sorge, militante da Internacional Comunista, emigrado para os EUA. Na primeira carta, de 15 de dezembro de 1881, Marx não apenas comunica a morte de sua esposa Jenny, como, pela última vez, reflete sobre o conteúdo de *O Capital*. Já a segunda carta foi escrita por Engels, no dia seguinte à morte de Marx. Além do mero registro biográfico, a carta é reveladora da visão de mundo de Engels, compartilhada com Marx. Apesar de obviamente abalado pela morte do amigo, Engels evidencia a preocupação em evitar que o acontecimento trágico abalasse o ânimo do movimento proletário.

Nesta ocasião, gostaríamos de registrar nossos agradecimentos a todos aqueles que aceitaram o convite de contribuir para a sustentação de mais uma tarefa militante nesta luta de classes teórica: os membros do Conselho Editorial, do Comitê Científico e, principalmente, os autores. É imprescindível destacar o trabalho preciso e precioso de Carolina Noury e de Renake David das Neves, respectivamente autora do projeto gráfico e revisora desta publicação. Também registramos o nosso agradecimento ao fotógrafo Arthur Moura pela cessão de sua bela imagem, que registra um momento das jornadas de junho, ocorrido na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

É com enorme satisfação e também grande responsabilidade que entregamos aos leitores o primeiro número da *Marx e o Marxismo*, que está aberta aos que pretendem aprofundar o conhecimento teórico no âmbito do marxismo enfrentando, simultaneamente, o duplo desafio da compreensão e da transformação do mundo contemporâneo.

Primavera de 2013.
Os Editores